

**A conectividade radical de Paulo Freire.
Algumas notas para esperar em tempos obscuros
La conectividad radical de Paulo Freire.
Algunas notas de esperanza para los tiempos oscuros**

Moacir Gadotti¹

¹Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire, email: moacir.gadotti@paulofreire.org
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7565-2618>

Resumo: O texto trata da validade do pensamento educativo de Paulo Freire. Se origina nas críticas não fundamentadas à proposta de Freire pelo atual governo brasileiro. São resgatados conceitos centrais que, apesar de terem sido criados há algumas décadas, servem para entender e agir sobre os problemas sociais, políticos, culturais e, claro, educacionais que afligem o mundo de hoje. A desconstrução é necessária em um ambiente de injustiça e violência, também porque hoje prevalecem as fake news ou notícias falsas, sem examinar a veracidade do que difundem sobre o trabalho de Freire. Educação de adultos, práxis, direitos humanos, democracia, diálogo, educação libertadora, opressor-oprimido, etc., são alguns dos conceitos que podem ser resgatados e colocados em conversa junto com a influência que vários pensadores tiveram no Freire. O pensamento de Freire é integrativo, não eclético, daí a complexidade de seu pensamento. Tudo isso foi expresso em trabalhos como Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança ou Pedagogia da Autonomia. A releitura dos mesmos torna-se relevante, se como educadores... “Não renunciamos ao nosso dever de deixar este mundo um pouco melhor do que o encontramos. Esse deveria ser o sonho de todos. Não haveria nada de humano em nós se este não fosse nosso maior propósito”.

Palavras chave: Conectividade radical, desconstrução, escola, fake news, pedagogia do oprimido

Resumen: El texto aborda la vigencia del pensamiento educativo de Paulo Freire. Parte de la crítica sin sustento que se ha hecho a la propuesta de Freire, por parte del gobierno actual de Brasil. Se rescatan conceptos medulares que, a pesar de haber sido creados hace algunas décadas, sirven para entender y actuar ante los problemas sociales, políticos, culturales y, por supuesto, los educativos; que aquejan actualmente al mundo.

La deconstrucción es necesaria en un ambiente de injusticia y violencia, también porque las *fake news* prevalecen hoy día, sin examinar la veracidad de lo que difunden sobre la obra de Freire. Educación de adultos, praxis, derechos humanos, democracia, diálogo, educación liberadora, opresor-oprimido, etc.; son algunos de los conceptos que pueden rescatarse y ponerse en conversación junto con la influencia que ejercieron en Freire diversos pensadores.

El pensamiento de Freire es integrador, que no ecléctico, de ahí la complejidad de su pensamiento.

Todo esto fue plasmado en obras como Pedagogía del Oprimido, Pedagogía de la Esperanza o Pedagogía de la Autonomía. Releerlas cobra relevancia, si como educadores. . . “No renunciamos a nuestro deber de dejar este mundo un poco mejor de lo que lo encontramos. Ese debería ser el sueño de todas las personas. No habría nada de humano en nosotros si este no es nuestro mayor propósito.”

Palabras clave: Conectividad radical, deconstrucción, escuela, fake news, pedagogía del oprimido

Recepción: 29 de enero de 2020

Aceptación: 28 de junio 2020

Forma de citar: Gadotti, Moacir. (2020). A conectividade radical de Paulo Freire. Algumas notas para esperançar em tempos obscuros. *Voces de la educación, número especial*, 15-30.



Esta obra está bajo una licencia Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License

A CONECTIVIDADE RADICAL DE PAULO FREIRE.

Algumas notas para esperar em tempos obscuros

Minha reflexão sobre o tema deste número temático vai centrar-se no contexto atual, particularmente o brasileiro, onde encontramos um certo pensamento e uma prática em que se busca "desconstruir" o legado de Paulo Freire.

Começo afirmando que é difícil enquadrar Paulo Freire numa dessas "caixinhas" pedagógicas limitadas, que reduzem seu pensamento a esta ou àquela fórmula mágica a ser aplicada. Seu pensamento é complexo e, de certa forma, inclassificável.

Isso não significa que sua obra seja eclética. É abrangente, mas não eclética. Ele tem posições firmes - firmeza ideológico-política e pedagógica - tem pontos de vista bem definidos a partir dos quais dialoga com outros pontos de vista, iguais ou diferentes. O pluralismo não se confunde com o ecletismo. Eclético é quem mistura um pouco de cada coisa. Plural é aquele que tem uma posição, a partir dela, dialoga com todas as outras posições.

Como um intelectual público global - cidadão do mundo e ao mesmo tempo de seu lugar (Recife) - como um ser muito curioso, atravessou as fronteiras das ciências, das artes, das profissões e aprendeu em contato com várias culturas, mundo afora, em suas numerosas viagens e trabalhos em vários continentes.

Ele se autodefiniu, certa vez, como um "menino conectivo". Sua conectividade radical é uma de suas principais características, seja como pessoa, seja como intelectual. Sua obra é perpassada por essa conectividade. Ela é tanto uma característica pessoal quanto uma categoria epistemológica que perpassa toda a sua obra.

Tendo convivido com ele por 23 anos, posso dizer que, como pessoa Paulo era quase uma unanimidade: bem humorado, gentil, cortês, não ofendia ninguém, não aceitava entrar em polêmicas. Respondia às críticas recebidas sem citar quem o criticou. Preferia ficar no campo das ideias e não dos confrontos pessoais. Mas, evidentemente, suas ideias não poderiam agradar a todos.

Ele não poderia agradar principalmente àqueles que pretendem utilizar a educação para a doutrinação, a manipulação, para manter as pessoas submissas, obedientes, incapazes de dizer a sua palavra e escreverem a sua própria história.

Sua filosofia fundamenta-se numa antropologia e numa visão humanista do mundo, defendendo com firmeza a educação como prática da liberdade, da autonomia e a escola democrática.

1. Aprender a dizer a sua palavra

Formar o povo soberano, emancipado, conscientizado, eis o que Paulo Freire almejava. Em 1964, tinha um projeto de implementar 62 mil círculos de cultura de alfabetização de adultos, começamento pela educação da população mais excluída. No segundo semestre de 1963 chegou a ser hospitalizado pelo grande esforço que fez percorrendo o país e organizando equipes estaduais para implementar o seu *Programa Nacional de Alfabetização* baseado nessa filosofia.

A partir do exílio, naquele mesmo ano, passando primeiro no Chile e depois na Suíça, com uma breve passagem pela Universidade de Harvard, sua obra ficou mais conhecida no mundo, particularmente a partir da publicação do livro *Pedagogia do oprimido* em inglês e espanhol (1970).

Hoje, muitas de suas ideias estão incorporadas à prática pedagógica, sem que se saiba que partiram de intuições originais de Paulo Freire como um método específico para a educação de adultos; a defesa da educação como ato dialógico; a noção de ciência aberta às necessidades populares e o planejamento comunitário e participativo.

Ele queria ser reinventado e não seguido. Por isso, não deixou discípulos como seguidores de ideias, credos ou doutrinas. Deixou um espírito, um modo de ser, de ver, de crer e de fazer as coisas.

Sua peregrinação pelo mundo como um *andarilho da utopia*, fez dele um pensador rebelde. Seu sonho era mudar a ordem das coisas por mais justiça. Por isso ele despertava nas pessoas a paixão pela liberdade, principalmente em suas palestras, encontros e aulas, pela amorosidade, pela conectividade, pelo diálogo. Não só pelos seus escritos.

Ele defendia relações sociais democráticas, dialógicas, emancipadoras e não relações mercantis de mando e subordinação. Para ele, a utopia era o verdadeiro realismo do ser humano. Por isso, em seu último livro *Pedagogia da autonomia* faz uma crítica radical à "malvadez" do neoliberalismo e à sua "*ética do mercado*" frente à "*ética universal do ser humano*". ii

Por que a sua obra repercutiu tanto, em tantos lugares e espaços diferentes? Por que tem ressoado em tantos corações e mentes?

Eu diria que foi porque os seus leitores, de certa forma, já pensavam como ele, e na leitura de seus escritos se encontravam com ele, se somavam, se identificavam, se sentiam tocados por ele. São fontes de inspiração para muitas práticas, tanto populares quanto acadêmicas. E porque suas ideias apontam para um sentido da vida e não apenas para competir no mercado.

Hoje há quem deseja ver Paulo Freire no passado, nas prateleiras das bibliotecas ou fora delas. Há ainda aqueles que querem expurgá-lo das escolas, acusando-o, como é o caso do Brasil, de ser responsável pelo nosso atraso educacional. Por isso, o combatem.

2. Por que desconstruir Freire?

Eu penso que é por que seu pensamento mexe profundamente com as injustiças de hoje, porque não querem mexer com as opressões do presente, com a cultura da violência de hoje, com a lógica do inimigo, do ódio e da intolerância.

Ele é atacado pelas ideias que ele defendeu. Ele defendeu a Educação Popular, a construção da escola democrática, emancipadora. Ele sempre entendeu a educação como cultura, como comunicação. Chamou suas aulas de "círculos de cultura" - inicialmente aparece e expressão "círculos epistemológicos" - associados à produção do conhecimento.

Seu método é menos um método de ensino do que um método de aprendizagem, de produção de conhecimento. Ele sempre começava seus cursos de alfabetização de adultos com uma discussão sobre o *conceito de cultura*, entendida como trabalho, como história de vida, como biografia, sobre o cotidiano do educando, respeitando a história e a cultura de cada um, de cada uma. Os analfabetos também produzem cultura. Eles são cultos. Não são ignorantes.

Falar de "desconstrução" é falar de um tempo obscuro, nebuloso, muito contraditório. Paradoxalmente, meios que supostamente foram criados para nos comunicar, para nos unir, como o FaceBook, o WhatsApp e outros, estão nos separando. Neles encontramos mais comunicados do que comunicação verdadeira.

Vivemos na era da pós-verdade, caracterizada pela crença nas informações recebidas sem verificação. Ela vem acompanhada por uma onda de Fake News, notícias falsas, utilizadas como meios para destruir a reputação de pessoas, sua obra, suas lutas, guiada pela lógica do inimigo, pelo ódio, pela intolerância e, igualmente, pela ignorância.

Essa onda de Fake News tem atingido também a obra de Paulo Freire.

Entretanto, o questionamento feito a ele vai muito além de notícias falsas. Existe um propósito, um projeto, por trás dessa tentativa de desconstrução. Ele foi e está sendo questionado, perseguido, expurgado, pelo que ele defendeu. As notícias falsas são apenas uma parte desse projeto.

Portanto, não se trata apenas de atacar Paulo Freire. Trata-se de um ataque à escola democrática, particularmente, a escola pública. Para substituir diretores por gerentes com experiência na empresa privada, para impor uma disciplina militarizada, para amordaçar e silenciar professores, ameaçando-os e punindo-os, tornado o mercado a grande referência da educação e não a cidadania.

O alvo da campanha contra Paulo Freire não é só ele: o alvo é o direito à educação. No caso do Brasil, isso está ocorrendo como parte de um movimento de "desconstrução" de Paulo Freire promovido hoje por um governo autoritário - e a "elite do atraso" (Jessé Souza) que o cerca, sustentado, pela falta de espírito crítico e de reflexão que permeia escola e sociedade. Na falta de argumentação, o que se observa é a ofensa, o preconceito.

3. Nossa tarefa como educadores e educadoras

Nossa tarefa como educadores e educadoras, nesse contexto, é buscar a verdade. Que profissão mais bela do que esta que está a serviço da verdade! Nas palavras de Paulo Freire: "não há ensino-aprendizagem fora da procura, da boniteza e da alegria" (*Pedagogia da autonomia*). "Lutar pela alegria", diz ele no prefácio que escreveu para o livro *Alunos felizes* de Georges Snyders, "é lutar pela transformação do mundo".

Sabemos que nem sempre o *esclarecimento* convence nossos interlocutores. Há muitas pessoas que acreditam em notícias falsas porque elas tomaram conhecimento por meio de outras pessoas de sua confiança. Nesse caso, para essas pessoas vale mais o argumento de autoridade do que a própria racionalidade.

Nossa tarefa é também *conquistar a confiança* de nossos interlocutores, não apenas pela racionalidade, mas, pela nossa própria postura como educadores. Não somos beligerantes. Somos educadores da paz e da "convivialidade" (Ivan Illich). Respeitamos e valorizamos as diferenças e os diferentes. Paulo Freire nos ensinou que o diálogo gera confiança e entendimento.

A escola é a instituição mais importante criada pela humanidade como o último bastião da democracia. A escola pode ser um lugar onde a humanidade pensa a si mesma, e constrói os melhores caminhos para prosseguir a caminhada, por mais justiça e mais felicidade para todos e todas.

Devemos reagir contra toda prepotência e arbitrariedade de falsas leituras da realidade que levam ao desencanto do cidadão com a política e com a democracia e a perda da nossa própria humanidade, reafirmando nossos direitos fundamentais ameaçados e nossa tarefa de educar para transformar, de educar para e pela cidadania.

A escola não é apenas um lugar de aprendizagem escolarizada onde a vida real fica do lado de fora. É um lugar onde também se decide o futuro de uma geração que precisa pronunciar-se sobre o país que se deseja construir e sobre a educação necessária para construir esse país. A escola é um lugar de convivência democrática, "de comunidade, de companheirismo, que vive a experiência tensa da democracia", nas palavras de Freire.

4. Ameaça à democracia e aos direitos humanos

Diante dos ataques, que tentam desqualificar o legado de Paulo Freire, muitos têm procurado o Instituto Paulo Freire, para que nos posicionemos em resposta a esses ataques, esclarecendo e respondendo a perguntas que se fazem principalmente nas redes sociais.

Nesta breve reflexão, dentre tantas perguntas que recebemos e que também aparecem em veículos de comunicação, gostaria de tratar daquele conjunto que indaga: "Paulo Freire é um doutrinador? Paulo Freire é marxista? Paulo Freire é comunista?" "Que contribuições Paulo Freire trouxe às ideias pedagógicas para ser tão comentado no exterior? O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?"

Sabemos que muitas críticas feitas a Paulo Freire têm se caracterizado por um profundo desconhecimento de suas ideias. Mas, há críticas que não são fruto da incompreensão da sua obra. São, na verdade, notícias falsas, afirmações equivocadas, não apresentando evidências e dados que as fundamentem. Esses posicionamentos distorcidos manipulam a opinião pública. Atribuem a Paulo Freire ideias e uma forma de educar que ele jamais defendeu.

Os ataques a Paulo Freire não são de agora. Ele foi exilado justamente em meio a ataques semelhantes pelo golpe civil-militar de 1964. Sua resposta a esses ataques sempre foi um convite ao diálogo, à problematização das ideias, ao enfrentamento dos conflitos de forma democrática. Ele foi exilado por defender a educação como direito de as pessoas viverem num país mais justo, sem privilégios de classe, sem excluídos, sem opressores e sem oprimidos. Essa foi a razão principal para seu exílio.

A práxis de Freire é entendida como ação transformadora, que contesta veementemente todo tipo de doutrinação e de alienação, deixando claro que "educação é um ato político", que se sustenta no diálogo, na problematização, na esperança, na autonomia e, por conseguinte, na emancipação humana.

Ele valorizava muito o saber científico, a reflexão séria, o diálogo entre iguais e diferentes. Defendia o diálogo de saberes: o saber científico, o saber sensível, o saber técnico, tecnológico, o saber popular, sem discriminação, respeitando e valorizando a diversidade e os direitos humanos.

Paulo Freire, em toda sua trajetória, nunca ignorou as críticas. Ele coloca sua prática pedagógica em constante objeto de reflexão. Em *Pedagogia da esperança*, por exemplo, faz uma releitura da *Pedagogia do oprimido*, avaliando sua trajetória como educador, a evolução da sua práxis, respondendo a críticas recebidas e reconhecendo alguns limites de suas ideias iniciais, sem negar suas premissas básicas.

Frente à violência, ao silenciamento, defendeu o direito à liberdade de expressão, ao pensamento crítico.

A educação sempre foi isso: um território em disputa, um espaço de problematização do presente e de construção do futuro. Por isso, muitas educações são possíveis, frutos de múltiplas determinações. É uma disputa de concepção que deve dar-se no campo das ideias, da argumentação, da reflexão crítica, enfim, no diálogo.

Uma das virtudes essenciais do educador, da educadora, deve ser a humildade contrapondo-se ao discurso arrogante. Nunca devemos nos sentir como donos da verdade. Toda vez que somos arrogantes vamos pagar um preço alto por isso. Precisamos estar atentos ao essencial, com espírito crítico e reflexivo. Precisamos estar abertos, à escuta de vozes divergentes, sem medo de assumir nossas fraquezas e de se arriscar na aceitação do que nos afugenta.

Existem, na educação, posições extremadas que não são saudáveis. Devemos cultivar a humildade e a simplicidade. A prática dedicada e a reflexão crítica sobre a prática obtém melhores resultados na construção dos nossos sonhos.

A escola pode tanto empoderar, fortalecer a voz, quanto pode silenciar vozes. Nos últimos anos, surgiu, no Brasil, um movimento chamado *Escola sem partido* que busca amordaçar docentes, com ameaças, criminalizando a docência, usando, entre outras práticas, a delação do trabalho do professor pelo aluno. Isso só se viu na trágica experiência do nazismo. A *Escola sem partido* se propõe colocar o aparato escolar em favor de uma ideologia. É a burocracia a serviço da ideologia. Nesse caso, a escola deixa de ser um espaço plural para servir a um único senhor, a uma ideologia oficial dos donos do poder.

Pensávamos que esses tempos já tinham ficado para trás. Infelizmente eles voltaram. A escola vista como um aparato de violência simbólica contra si mesma, espalhando medo e insegurança. O efeito dessa política sobre as nossas juventudes será dramático, inibindo a participação democrática e o diálogo político nas escolas. Uma volta ao passado que redundará num imenso atraso educacional e democrático.

Esse movimento é claramente partidário e doutrinador, orientado por uma visão autoritária em favor da construção de uma sociedade onde predominam relações de mando e subordinação e não relações livres e democráticas. Enfim, representa uma grande ameaça à democracia.

5. Manual de defesa contra a censura nas escolas

A escola não é o lugar onde só se aprendem conteúdos disciplinares, matérias, mas se ensina a pensar, a fazer escolhas, onde se aprendem direitos e valores como a liberdade e a solidariedade.

Uma sociedade que entende que os docentes são uma classe perigosa, onde se prega que eles andem armados e cuidem da segurança da escola, inverte totalmente os valores democráticos. Só o Estado deve cuidar da segurança de seus cidadãos e não armar cidadãos para que cuidem da sua segurança e das instituições onde trabalham.

Com o tempo, como presídios, vamos distinguir escolas comuns de escolas de segurança máxima. É para onde caminha a cultura da militarização da sociedade e das escolas na qual vivemos hoje no Brasil.

Incrível que em pleno século XXI tenhamos que nos apropriar de um *Manual de defesa contra a censura nas escolas*, como está sendo apresentado pelas entidades do magistério. Este *Manual* foi elaborado como uma resposta às agressões dirigidas a professoras e professores. Uma resposta legítima e adequada às violações de direitos individuais sofridas por docentes, estudantes e escolas e a afirmação de princípios éticos, políticos e jurídicos que são a verdadeira base da educação nacional: o pluralismo de concepções pedagógicas e o pleno desenvolvimento da pessoa, para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, como prevê a Constituição brasileira e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Trata-se de um conjunto de estratégias e medidas específicas pensadas para se defender contra a censura e promover o debate sobre isso com a comunidade escolar. Neste

contexto, é preciso ouvir as inquietações das famílias e dos estudantes. Isso vale não só para as escolas, mas também para as universidades.

Ameaçar professores é uma covardia, um crime de lesa-pátria. Nada pode tolher nossa liberdade de expressão. A democracia é uma experiência tensa e todo conflito que por ventura existir, para ser formativo, deve ser mediado pelo diálogo entre pais e familiares, alunos, a comunidade e os trabalhadores em educação, no interior da escola.

6. Paulo Freire fez uma releitura crítica do marxismo e do socialismo

Tenho dito que nesta era da pós-verdade, de Fake News, de intrigas, desconfianças, polêmicas e perplexidade, a pedagogia de Paulo Freire representa um ponto de equilíbrio, de sensatez, frente à irresponsabilidade e à irracionalidade, quando não, frente à barbárie.

Por que Paulo Freire?

Vejamos.

Ele tem sido estudado e debatido com seriedade, por muitas universidades do mundo todo, universidades de prestígio como Harvard, nos Estados Unidos, onde ele lecionou em 1969, na Inglaterra, em Oxford, entre tantas. Ele está entre os 100 autores mais estudados em universidades de língua inglesa, na formação de professores.

Essas universidades não vêem Paulo Freire como um doutrinador, ultrapassado, mas como um educador sério, respeitável pelas propostas que defende, enraizadas na sua práxis. Sua obra tem sido reconhecida mundialmente. A sua pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o *Círculo de Cultura*. Círculos epistemológicos, procedimentos metodológicos para a construção da leitura e da escrita com crianças e adultos, para a formação intelectual, técnica e científica. Para a produção do conhecimento.

Paulo Freire era um intelectual rigoroso, um estudioso incansável e amante exigente da verdade. Sua filosofia é uma referência mundial não só para os estudiosos da educação. Então, por que nos perguntam se Paulo Freire foi comunista, marxista, maoista etc? O que tem a ver uma coisa com a outra?

É claro que isso faz parte de um projeto articulado que visa a desqualificar a sua obra. Mas, nós, no Instituto Paulo Freire, não nos furtamos ao dever de refletir e responder a qualquer pergunta que nos chega.

A *Pedagogia do oprimido* é sua principal obra e uma referência permanente da educação no mundo. Para realizar essa tarefa Paulo Freire bebeu em muitas fontes. Em *Pedagogia do oprimido* ele cita muitos autores, tanto da fenomenologia, quanto do existencialismo e do marxismo. Ele propõe uma síntese teórica entre cristãos e marxistas.

Ele disse certa vez numa entrevista: "Minhas reuniões com Marx nunca me sugeriram que parasse de ter reuniões com Cristo". Ele fala em "reuniões" com Marx, com tanta intimidade, que parece que ele tomava cafezinho com ele! Sim ele tomou cafezinho com muita gente pois ele era plural.

Pedagogia do oprimido nasceu nas lutas utópicas dos anos 60, ainda muito atuais. Nesse livro ele defende uma tese original: a superação da situação de oprimido não pode dar-se se o oprimido assumir a posição de opressor. A superação da contradição oprimido-opressor não implica que os oprimidos se tornem opressores, mas a supressão da sua condição de opressão.

Paulo Freire disse, certa vez, que não leu Marx para, depois, trabalhar com os oprimidos. Disse que a leitura da realidade dos oprimidos o levou a ler Marx para entender melhor essa realidade.

Em Marx ele encontrou certas categorias explicativas da exploração do trabalho e da situação em que vivem as classes mais empobrecidas. Em Marx ele encontrou o conceito de *alienação*, e de *autodeterminação*. Certamente, esses conceitos têm a ver com a existência de opressores e oprimidos. Paulo Freire explora esses conceitos em sua *Pedagogia do oprimido*. E o marxismo defende, sim, a superação da injustiça social, da luta de classes, da alienação – ideias também defendidas por Freire.

Minha tese sobre esse assunto é que Paulo Freire reinventou Marx inserindo a categoria *subjetividade* na problemática desenvolvida por Marx e deu um passo importante na defesa de um socialismo humanista, um socialismo com liberdade. O fracasso do socialismo autoritário deveu-se também ao fato de não respeitar a liberdade individual, o direito de cada um dizer a sua palavra e construir a sua própria história.

A pedagogia do oprimido é a manifestação de algo muito maior do que um livro - por isso Paulo Freire, na introdução ao livro nos diz que o livro *Pedagogia do oprimido* era apenas uma "introdução à pedagogia do oprimido" e não a pedagogia do oprimido em sua totalidade. A pedagogia do oprimido é um projeto de libertação maior do que a escrita de um livro. Ela precisa ser desdobrada, realização, "corporificada" na expressão de Paulo. Enfim, uma pedagogia a ser completada por outras pedagogias.

Pedagogia do oprimido é um livro exigente e radical. Ele nos estimula e desafia ao diálogo e, ao mesmo tempo à insurgência. É um livro de apoio à resistência e à luta. O desafio que ele nos apresenta está na sua ideia central de arrancar o opressor de nossas entranhas por meio de um processo de conscientização que liberta a ambos: oprimidos e opressores. Como uma pedagogia da insurgência, os movimentos de resistência e luta, de insurgência vão criando outras pedagogias possíveis como ele mesmo fez: pedagogia da esperança, pedagogia da pergunta, pedagogia da autonomia etc.

7. Um mosaico de pensadores influenciou Paulo Freire

Não se faz uma longa caminhada sem beber em muitas fontes. Da mesma forma, não se vai longe se o futuro não for compreendido como um mundo de novas possibilidades.

Nos livros de sua biblioteca, que se encontra no Instituto Paulo Freire, são muitas as obras lidas e anotadas por ele. Há muitos livros com marginálias de Paulo Freire. Ele ia sublinhando o texto lido e registrando perguntas, reflexões, associações com outros pensamentos. Há papezinhos entre as páginas documentando o diálogo que ele ia construindo com os textos lidos. Também ocupava páginas iniciais e finais das publicações, tecendo seus próprios comentários, atuando como leitor crítico e propositivo dos autores e de seus escritos.

Um mosaico de pensadores influenciou Paulo Freire como demonstra o livro *Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica*, recentemente lançado, organizado por Sandro de Castro Pitano, Danilo Romeu Streck e Cheron Zanini Moretti. Entre as primeiras influências de seu pensamento, nos anos 1950 e 1960, encontramos os intelectuais reunidos no Instituto de Estudos Brasileiros (ISEB), entre eles Anísio Teixeira e Álvaro Vieira Pinto, que se inspiravam em filósofos e sociólogos europeus, como Karl Mannheim, Karl Jaspers e Gabriel Marcel. Nesse período, foi fortemente influenciado por pensadores católicos, como Jacques Maritain e Emmanuel Mounier, interpretados por brasileiros como Alceu de Amoroso Lima e Herbert José de Souza.

O jovem Freire foi um leitor voraz. Entre os autores estrangeiros, ele cita Durkeim, e Rousseau. Entre os autores nacionais, constantes do rol de Freire, ela cita, entre outros: Antonio Candido, Florestan Fernandes, Euclides da Cunha, Fernando de Azevedo, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes.

Em seus primeiros escritos, principalmente no seu primeiro livro, *Educação e atualidade brasileira*, de 1959, ele cita alguns desses pensadores humanistas ao lado de outros autores - como Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré, entre outros - e faz referência ao educador americano John Dewey, particularmente seu livro *Democracia e educação*.

Seu pensamento não foi só influenciado por autores e autoras, mas, também, pela análise crítica de sua própria prática, pelas observações em diferentes processos de intervenção e interação nos quais se envolveu e pelos projetos e instituições das quais participou ativamente, entre elas o ICIRA (Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária), o IDAC (Instituto de Ação Cultural), o VEREDA (Centro de Estudos em Educação), o CEAAL (Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe), a FWP (Fundação Wilson Pinheiro), o INCA (Instituto Cajamar) e o IPF (Instituto Paulo Freire).

Embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento freiriano, pode-se, pelo menos, dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios. Como afirma o filósofo alemão Wolfdietrich Schmied-Kowarzik, em seu livro *Pedagogia dialética: de Aristóteles a*

Paulo Freire, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialógico-dialética.

Em 1989 caiu o Muro de Berlim. Nessa época, Paulo Freire era Secretário de Educação de São Paulo. Eu era seu chefe de gabinete e, às vezes, eu almoçava com ele. O jornal *Folha de São Paulo* ligou para ele na casa dele e Paulo atendeu. Perguntaram: Paulo, você está vendo a festa que os berlinenses estão fazendo com a queda do socialismo? O socialismo acabou?

Paulo responde: eu também estou celebrando. Mas não foi o socialismo que acabou. O que acabou foi um certo socialismo, um socialismo autoritário. Temos que celebrar o fim do socialismo autoritário. O que nós defendemos é o socialismo com liberdade. Então, temos que celebrar sim a queda do muro de Berlim.

Diante de tantas e complexas influências, ele realiza uma síntese intelectual superadora, criativa e original, oriunda dessas diferentes correntes filosóficas, a partir de uma visão e de uma práxis radicalmente transformadora e emancipadora da sociedade.

Paulo Freire não era um seguidor de ideias, um sectário, um repetidor de pensamentos alheios, do já dito, do já feito. Era um criador de espíritos. Por isso, sua obra é inclassificável, não cabe em nenhuma "caixinha" da história das ideias pedagógicas.

8. Um cruzador de fronteiras

Que contribuições originais Paulo Freire deu a história das ideias pedagógicas para ser tão comentado no exterior?

O educador norte-americano Henry Giroux classificou Paulo Freire como um "cruzador de fronteiras". De fato, ele atravessou as fronteiras das ciências e das artes, das profissões e das culturas, dialogando com operários e camponeses e, ao mesmo tempo, com acadêmicos de universidades, em muitas partes do mundo. Seu pensamento encontrou solo fértil em muitos terrenos: na medicina, na física, na matemática, na sociologia, nas ciências sociais, humanas e naturais.

E ainda nos perguntam: o pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?

Alguns certamente gostariam de deixar seus livros nas prateleiras, no passado, para trás, na história das ideias pedagógicas; outros gostariam de esquecê-lo, por causa das opções políticas assumidas por ele. Em certos lugares, até hoje, ele é interdito. Mas, para os que desejam conhecer e viver uma pedagogia de inspiração humanista, esta é uma obra imprescindível.

A força do seu pensamento não está só na sua teoria do conhecimento, mas, em apontar uma direção, mostrar que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas.

Paulo Freire não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas, pessoalmente ou por meio de seus escritos, a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.

Vivemos tempos tenebrosos. Em tempos obscuros como o que estamos vivendo, precisamos de referenciais como os de Paulo Freire, para nos ajudar a encontrar o melhor caminho, de resistência e luta, nessa travessia.

O Brasil passa por um momento crucial de sua história. Ele se apequenou diante do mundo. Os olhos do mundo estavam voltados para o Brasil como uma grande esperança de superação da onda neoliberal. A partir do Brasil, parecia que um outro mundo era possível. Aqui nasceu o Fórum Social Mundial. O Brasil era visto como uma esperança para o resto do mundo e agora é visto como o país do retrocesso político e social.

Freire é uma das principais referências do pensamento crítico mundial, visto de forma plural e não sectária. Uma de suas principais expressões é a prática pedagógica emancipadora, popular, descolonizadora, que se estende para além da escola, da universidade, e alcança movimentos sociais e populares e outras instituições e organizações, como igrejas, meios de comunicação, expressões artísticas e culturais, etc.

9. A educação como um exercício de otimismo

Gostaria de terminar essa reflexão, essas notas, falando um pouco de uma pedagogia que devemos exercitar sempre, mas é ainda mais necessária hoje: a *pedagogia da escuta*.

Aprendemos ao dizer a nossa palavra e quando ela é escutada. Estudantes devem aprender a pensar por si sós, mas precisam, para isso, se serem ouvidos pelos seus professores. Eles precisam da escuta atenta, da devolutiva, do retorno, individual e coletivo. Como pais, como familiares, como adultos ou como professores, aprendemos a falar com crianças escutando crianças e nos colocando à altura delas. Mas, para isso, precisamos escutar a criança que existe dentro de nós.

Ao falar, o aluno desenvolve a sua inteligência, elaborando seu próprio pensamento. Somos feitos pelas palavras que pronunciamos, que lemos ou ouvimos. A educação começa com o ato de escutar. Interagindo com o ambiente.

Nossos cursos de pedagogia e de formação de professores nem sempre preparam os professores para a escuta, para o diálogo, ou muito pouco. A escuta não faz parte do currículo. Não dá para saber o que é ensinar sem entender o que é aprender. Escutar para descolonizar, não para colonizar. Isso não significa desvalorizar a fala autoral do professor. Sabemos que ele pode mudar a vida dos seus alunos. Escuta é relação, interlocução, contato, comunicação, diálogo. Não somos donos da verdade. Construimos a verdade em comunhão.

Alguém poderia nos objetar, com razão, que tudo isso é muito utópico.

Eu responderia que as propostas dos grandes pedagogos sempre foram utópicas. A educação é essencialmente um exercício de otimismo. Ela busca explorar os limites das possibilidades reais de transformação. É verdade, somos utópicos. Nos posicionamos frente a uma nova responsabilidade: a de nos tornarmos críticos da cultura e da civilização atual.

Nossa maior ferramenta como educadores na construção dessa escola dos nossos sonhos é a esperança. Não se trata de uma esperança qualquer de quem espera acontecer, mas a esperança de quem luta por ela, a esperança de *esperançar*. A esperança para o professor, para a professora, encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, dar nova forma às pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam construir uma realidade diferente, melhor.

Porque não abrimos mãos de sonhar, de buscar sermos melhores, mais felizes, mais realizados numa profissão que é cada vez mais exigente. Uma profissão que exige de nós, sobretudo no contexto atual, cada vez mais, maior lucidez e força. Não abrimos mão de nosso dever de deixar esse mundo um pouco melhor do que o encontramos. Esse deveria ser o sonho de todas as pessoas. Não haveria nada de humano em nós se esse não for nosso maior propósito.

Referencias bibliográficas

Castro Pitano, S., Streck, D. y Zanini, C. (2020). Paulo Freire: Uma Arqueologia Bibliográfica. EDITORA APPRIS.

Dewey, John (2004). Democracia y educación. Una introducción a la filosofía de la educación. Ediciones Morata, Sexta edición.

Freire, Paulo (1959). La educación y la realidad brasileña. Recife: Universidad Federal de Recife. (Feinberg & Torres, 2014) (Feinberg & Torres, 2014)

Freire, Paulo (1970). Pedagogía del oprimido. Buenos Aires, Siglo XXI, Argentina Editores.

Freire, Paulo (1993) Pedagogía de la esperanza. México: Siglo XXI.

Freire, Paulo (2004). Pedagogía de la Autonomía: saberes necesarios para la práctica educativa. Sao Paulo. Paz e Terra.

Gadotti, Moacir y Torres, Carlos Alberto 2001 Paulo Freire: una biobibliografía (México DF: Siglo XXI)

Giroux, H. (1998). La pedagogía de frontera en la era del Posmodernismo en Posmodernidad y Educación. En De Alba, A. comp), Posmodernidad y educación.

Schmied-Kowarzik, W. (1983) Pedagogia dialética de Aristóteles a Paulo Freire. Ed. Brasiliense.

Souza, Jesse (2017). A elite do atraso. ESTAÇÃO Brasil.

Acerca del autor

Moacir Gadotti é licenciado em *Pedagogia* (1967) e em *Filosofia* (1971). Fez Mestrado em *Filosofia da Educação* na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973), Doutorado em *Ciências da Educação* na Universidade de Genebra (1977) e Livre Docência na Universidade Estadual de Campinas (1986). Aposentou-se como professor titular da Universidade de São Paulo. Atualmente é Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire. Entre seus livros, traduzidos em diversas línguas, destacam-se: *História das ideias pedagógicas* (1993), *Pedagogia da Práxis* (1995) *Paulo Freire: uma biobibliografia* (1996) e *Pedagogia da Terra* (2001). Fonte: Acervo Moacir Gadotti - <http://www.gadotti.org.br:8080/jspui/>.